

UM BRASIL AINDA POUCO CONHECIDO

J. V. Freitas Marcondes

Odilon Nogueira de Matos, num gostoso relatório de uma excursão — “Pelo Sul do Brasil” — mostra-nos alguns aspectos quase desconhecidos pela maioria dos brasileiros. Nesse cartesiano relato, aprende-se muita coisa como, por exemplo, a história das famosas “Caldas da Imperatriz”, que pouquíssimos brasileiros conhecem com os detalhes relatados.

Vale a pena transcrever este trecho: “Taunay foi presidente de Santa Catarina em 1876 e embora as velhas “Caldas” de Santo Amaro, batizadas “da Imperatriz” depois de Dona Teresa Cristina contribuiu com quatrocentos mil réis (quantia enorme para a época) para a construção do primitivo balneário, fossem conhecidas desde 1813, foi só após a imperial visita de 1845 que se tornaram famosas. Ao tempo de Taunay, ao que se deduz de seus escritos, já estavam um tanto abandonadas e o seu estudo, publicado pela primeira vez em 1879, na Revista do Instituto Histórico Brasileiro, teve mesmo o objetivo de chamar a atenção para estas salutares águas. Quando, em 1977, colhia material para o meu livro PÁGINAS CATARINENSES, no qual transcrevi boa parte do que Taunay escrevera sobre as famosas Caldas, nem podia imaginar estivesse tão perto o dia em que viria a conhecê-las. De fato, Santo Amaro e as vizinhas Caldas da Imperatriz, embora pertíssimo de Florianópolis, ficavam completamente à margem de qualquer programa turístico que visasse ao Sul do Brasil. Eu mesmo, viajando tantas vezes pela região, jamais tive oportunidade de visitar o maravilhoso local. Foi só depois das termas dotadas de excelente infra-estrutura hoteleira que as viagens se tornaram possíveis”. “Caldas superou minha expectativa”, diz o renomado historiador, geógrafo e acadêmico campineiro e paulista.

“Mutatis mutandi” é o mesmo caso de Caldas Novas, no Estado de Goiás, como veremos a seguir.

Um Pouco de História

O historiador goiano, Elder Camargo de Passos, na enxuta monografia HISTÓRIA DE GOIÁS, publicada pelo Departamento de Cultura daquele Estado, com apresentação de Eudes Pacheco Santana, datada de 1970, inicia seu estudo enumerando, cronologicamente, com alguns detalhes, dezoito das principais bandeiras que saíram de São Paulo. E diz mais: “Foi o nosso Estado descoberto nos fins do século XVI, por

desbravadores que adentraram nos sertões do Brasil-Central em bandeiras e expedições, à procura de riquezas e à cata de índios para escravizar, a fim de suavizar o trabalho de pioneirismo” ou da civilização brasileira que se iniciava.

“Os paulistas foram os mais destemidos e audazes exploradores” das fechadas e intermináveis florestas e dos longínquos sertões brasílicos. “O seu espírito não era somente o de conquista, mas acima de tudo estava o desejo de desbravar e descobrir a riqueza incalculável da terra que dormia. Com esse ideal, várias foram as bandeiras que perambularam pelo nosso Estado, principalmente na região do Tocantins”, frisa o historiador goiano.

Das referidas dezoito bandeiras e expedições, destacamos o nome do bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva — o Anhangüera — chefe de destemoroso grupo que levava consigo seu filho mais velho, com apenas 12 anos de idade e que, mais tarde, foi também chefe de importante bandeira, com a alcunha de Anhangüera II, quando era Governador de São Paulo Rodrigo Cesar de Menezes, em 1722.

O primeiro Bartolomeu, pai, embrenhou-se no sertão do futuro estado de Goiás, por volta de 1673, e, ao regressar — depois de dez anos bandeirando — trouxe muitos índios cativos, pedras preciosas, cansaço, experiência e notícias de abundância de ouro naquela região.

O segundo Anhangüera, Bartolomeu Bueno da Silva Filho, em 3 de julho de 1722, retornou ao sertão com uma grande bandeira, integrada por muitos escravos negros e índios já civilizados, com dezenas de cavalos e burros; com 152 armas de fogo e dois religiosos portugueses; Frei Antonio da Conceição e Frei Cosme de Santo André. Foi esta, talvez, a última e a maior bandeira das muitas que partiram de São Paulo de Piratininga, que, aproveitando as lições de seu pai — depois de muitos tropeços — foi parar na “bucaina da Serra Dourada”, levantando “barrancamentos de palha e plantando roças para abastecer-se de mantimentos”, colonizando, dessarte, as terras descobertas por seu pai. Enquanto as roças cresciam a aproveitando a índole pacífica dos índios Guayazes, Bartolomeu Filho fez várias explorações e duas delas merecem especial destaque: uma, foi a célebre queima de um ancorete de aguardente que resultou grande pânico entre os índios e a subsequente indicação de abundantes jazidas auríferas no Vale dos Guayazes que enriqueceram o audaz bandeirante; a segunda, foi a descoberta de um rio de água quente que lhe intrigou. Registrou o achado e deu conhecimento dele ao Governador de São Paulo que não pôde dar muita importância a esse fato, mesmo porque, no período inicial do setecentismo, a província de São Paulo era grande demais para despertar uma especial atenção a um fato

como esse. A jurisdição territorial paulista estendia-se, nessa época, por cerca de três milhões de quilômetros quadrados — mais de um terço do Brasil — abrangendo os atuais Estados de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Paraná, que só se emanciparam, respectivamente, nos anos de 1720, 1744, 1748 e 1853.

Bartolomeu Bueno da Silva Filho, para todos os efeitos, foi o descobridor das águas quentes de Goiás. A origem do povoado de Caldas Novas deu-se por volta de 1722, pelo bandeirante Anhangüera II. Todavia, essa descoberta permaneceu esquecida até 1777, quando Martinho Coelho de Siqueira, numa excursão à procura de ouro e caça, descobriu, às margens do Rio Pirapitinga, algumas fontes de águas quentes, segundo relata um folheto ilustrado sobre a cidade de Caldas Novas, distribuído pela Prefeitura daquele município que hoje é considerado a “sala de visita” do Estado de Goiás.

AS ÁGUAS QUENTES DE GOIÁS

Atualmente, há três lugares distintos de águas quentes no Município de Caldas Novas: 1) A “Pousada do Rio Quente” fica a 30 e poucos quilômetros da cidade de Morrinhos. Esta está situada à margem direita da Rodovia BR-153, que liga São Paulo a Goiana e Brasília. De Morrinhos há uma estrada asfaltada que vai até a cidade de Caldas Novas (48km), que é a sede do Município do mesmo nome. Antes do km 30, desta estrada, há farta sinalização indicando a entrada para a Pousada do Rio Quente. Na Pousada há dois grandes hotéis: o **Hotel Turismo** considerado “um dos mais luxuosos e requintados hotéis do Brasil” (5 estrelas) e que faz parte do complexo denominado Pousada do Rio Quente e o **Hotel Turismo**, — réplica do Hotel Quitandinha, em Petrópolis. Além desses dois grandes hotéis, há vários pitorescos chalés situados ao longo do Rio Quente, com piscinas e outros atrativos. Neste complexo hoteleiro, que fica na Serra de Caldas, existem inúmeras minas de águas quentes que foram aproveitadas em várias piscinas, formando logo abaixo o famoso rio Quente, descoberto pelo bandeirante paulista Bartolomeu Bueno da Silva Filho, em 1722, como já vimos. A temperatura das águas quentes que nascem na Pousada variam entre 37 a 42 graus centígrados, todas elas situadas num ambiente requintado e muito bem planejado.

2) **Caldas Novas** é uma simpática cidade de 20 mil habitantes distribuídos numa área urbana de 60km² e mais 5 mil rurícolas que estão espalhados em 1.732km², onde são encontradas dezenas de fazendas e sítios que exploram a agricultura e a pecuária, integrando o município de Caldas Novas, criado em 1911. Nos feriados e fins de semana, a população flutuante dobra, graças aos 28 hotéis de várias categorias sociais. Os principais hotéis da cidade são: **Tamburi**, **Parque das Primaveras**, **CTC** (Caldas

Termas Clube), Roma, Privé de Caldas, Jalim Turismo, Hotel Morada do Sol, Colônia de Férias do Sesc e outros. Ainda há vários hotéis em construção. É impressionante o rápido crescimento da cidade que há dez anos só tinha 5 mil habitantes e três ou quatro hotéis modestos. Nessa cidade, a água que sai nas torneiras dos principais hotéis, possui uma temperatura tão elevada que, obrigatoriamente, passam por um processo de resfriamento. A temperatura das águas de Caldas Novas — oriundas de poços artesianos — varia entre 37 a 50^o graus.

3) **Lagoa Quente:** esta lagoa está situada bem próxima à margem direita do rio Pirapitinga que dista uma légua da cidade de Caldas Novas e, hoje, possui um conjunto de “camping” — um dos maiores do Brasil — todos com água, luz, sanitários, bares, lanchonetes, piscinas para adultos e crianças. Em alguns desses “camping” há saunas, campos de esportes (vôlei, futebol e até quadra de tênis). Só o “Country Club-Camping” tem capacidade para 300 barracas, numa área de 20 mil metros quadrados.

A chamada “Lagoa Quente” possui uma mina d’água quentíssima que, segundo dizem, atinge a temperatura de até 70 graus centígrados — a mais quente de toda a região. A origem destas fontes termais é controvertida. Alguns geólogos afirmam ser de origem vulcânica, mas extinto há milhões de anos; outros cientistas acreditam que o aquecimento das águas é devido à existência de muito urânio, que está se desintegrando, lentamente, em alta temperatura, o qual transmite calor e radioatividade às águas, as quais são medicinais e ao mesmo tempo constituem uma verdadeira fonte de rejuvenescimento.

Conclusão — Ao concluir, podemos dizer que estes três conjuntos situados nos municípios de Caldas Novas — sumariamente analisados e descritos distam 180km de Goiânia, 380 de Brasília, 800 de S. Paulo, 880 de Belo Horizonte e 1.200km do Rio de Janeiro e de Curitiba. Este conjunto constitui “a maior estância hidrotermal do mundo” e está fadado a ser o maior pólo turístico do Brasil. Por outro lado, constitui também a realização da sonhada “marcha para o Oeste”, tão bem estudada pelo poeta Cassiano Ricardo, num livro rico de “Sociologia da Brasilidade”². Finalmente, a mudança da nossa Capital Federal para o planalto goiano tem contribuído consideravelmente para o desenvolvimento crescente dessa “Marcha”, como tivemos a oportunidade de ressaltar, numa singela monografia, escrita antes da inauguração de Brasília, a pedido do Magnífico Reitor da “Mississippi State University”, onde estivemos como Professor-Visitante, em 1958-59³.

Carajás e outros empreendimentos paralelos acelerarão ainda mais essa "Marcha" que fará do Brasil não mais o "País do futuro", mas o **Brasil do presente**, ainda neste fim de século.

BIBLIOGRAFIA

- (1) Odilon Nogueira de Matos, "Pelo Sul do Brasil" in NOTÍCIA BIBLIOGRÁFICA e HISTÓRICA Nº 111, Ano XV, julho/setembro/83.
- (2) J. V. Freitas Marcondes, "Cassiano Ricardo: Sociologia da Brasilidade", in PROBLEMAS BRASILEIROS, Nº 89/1971.
- (3) J. V. Freitas Marcondes, "Brasília, The New Capital of Brazil", in MISSISSIPPI QUARTERLY, vol. XII, Nº 4/1959.